FACULDADE DO BAIXO PARNAÍBA – FAP
CURSO DE LETRAS

ÉRICA TEREZA SILVA DE CASTRO
JANY SHIRLEY FARIAS BARRETO
LUCÉLIA RODRIGUES BARRETO

A INFLUÊNCIA DA LITERATURA DE ALUÍSIO AZEVEDO NO COMBATE AO RACISMO.

Chapadinha - MA
2010

ÉRICA TEREZA SILVA DE CASTRO
JANY SHIRLEY FARIAS BARRETO
LUCÉLIA RODRIGUES BARRETO

A INFLUÊNCIA DA LITERATURA DE ALUÍSIO AZEVEDO NO COMBATE AO RACISMO.

Monografia apresentada ao Curso de Letras da Faculdade do Baixo Parnaíba – FAP, para obtenção do grau de Licenciadas em Letras.

Orientadora Profª.: Maria Rosirene Cunha Martins

Chapadinha - MA
2010

ÉRICA TEREZA SILVA DE CASTRO
JANY SHIRLEY FARIAS BARRETO
LUCÉLIA RODRIGUES BARRETO

A INFLUÊNCIA DA LITERATURA DE ALUÍSIO AZEVEDO NO COMBATE AO RACISMO.

Monografia apresentada ao Curso de Letras da Faculdade do Baixo Parnaíba – FAP, para obtenção do grau de Licenciadas em Letras.

Aprovados em / /

BANCA EXAMINADORA

_____
Profª. Esp. (orientadora)

_____
1ª Examinador

_____
2º Examinador

A Deus, que nos concedeu a oportunidade da formação Superior. Às nossas famílias, pela motivação.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por nos haver concedido a oportunidade de mais uma bênção, por não haver permitido a nossa desistência nos momentos difíceis, pela alegria de nos proporcionar a conclusão deste curso de Letras;

A todos que fazem a FAP, destacando os amigos de sala, que nos ajudaram nas horas difíceis, especialmente o nosso amigo Rodrigo, que nos deu o prazer de sua amizade e presença em alguns períodos, mas que desviou a sua rota, para outro curso.

Aos professores, pela compreensão e incentivo, pois eles fazem parte do papel principal, para tornar essa vitória possível.

Enfim a nossa família, pelo apoio.

“Um livro é como uma janela. Quem não o lê, é como alguém que ficou distante da janela e só pode ver uma pequena parte da paisagem”.

Kahlil Gibran

RESUMO

A influência da literatura de Aluísio Azevedo, no combate ao racismo. O presente estudo tem por objetivo compreender o conceito e a postura do autor em relação aos temas raça e racismo no âmbito do cotidiano social da *urbis* naquele contexto de início de decadência da agricultura mercantil de exportação e escravista verificada no final do século XIX. Aborda-se o discurso racial em O Mulato na visão de Aluísio Azevedo dando-se ênfase ao posicionamento dos escravos no contexto do romance em análise. Destacam-se as fases do racismo ressaltando o reforço dado ao racismo pela própria sociedade da época, como também a concepção e o emprego do termo raça na realidade social daquela época. Concluí-seque o racismo se constitui em uma prática presente na sociedade desde o momento em que se estabeleceram as relações sociais entre negros e brancos no Brasil.

Palavra-chave: O Mulato. Racismo. Democracia racial.

ABSTRACT

The influence of literature Aluísio Azevedo, in combating racism. This study aims to understand the concept and the author's stance on the issues race and racism in everyday social context that urbis early decline of agriculture commodity export and slavery found in the late nineteenth century. Addresses the racial discourse in The Mulatto in the view of Aluísio Azevedo giving emphasis to the position of slaves in the context of the novel in question. The paper highlights the phases of racism underscoring the reinforcement given to racism by the very society of the time, but also the design and use of the term race in the social reality of that time. We concluded that racism constitutes a practice in the society from the time they settled the social relations between blacks and whites in Brazil.

Keyword: The Mulatto. Racism. Racial democracy.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 10

2 O MULATO: CONTEXTO HISTÓRICO E CULTURAL.....12

2.1 O Mulato e a sociedade maranhense.....12
2.2 Analise da questão racial sob o enfoque de O Mulato 16

3 BREVE HISTÓRICO DA ESCRAVIDÃOAFRICANA.....18

3.1 Origem da escravidão na África 18

3.2 A escravidão no Brasil 20

3.3 Campanha abolicionista e a abolição da escravatura.....22

4 LITERATURA BRASILEIRA E RACISMO.....24

4.1 O Mulato e o racismo.....30

4.2 A importância da obra O Mulato na educação.....31

5 O RACISMO NA ATUALIDADE BRASILEIRA.....33

5.1 Analise das consequências do racismo na sociedade brasileira...35

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....36

REFERÊNCIAS.....38

1 INTRODUÇÃO

A escravidão no Brasil deixou uma divida incalculável com os afrodescendentes que gerou uma herança decadente na sociedade brasileira que abrange a maioria da população negra. A escravidão que antes da chegada dos europeus, já estava consolidada no próprio continente Africano, que servia para manter o prestígio dos reis e chefes tradicionais.

Em Canem, os escravos eram tratados como produtos e comercializados no Norte da África, como concubina, eunuco, criado ou soldado. Em Bornu, eles eram comercializados em trocas de cavalos, que valia em torno de 15 e 20 escravos, cada cavalo.

Depois da longa e sofrida travessia do Atlântico, passando péssimas condições das embarcações com os porões superlotados, apertados para dormir no chão duro, acorrentados e no momento do embarque ou ainda nos barracões, tinham o corpo marcados a ferro quente com as iniciais ou símbolos dos proprietários. Assim trazidos os africanos para a construção do Brasil, como mão-de-obra escrava nos engenhos de cana de açúcar, nos cafezais, na extração de ouro, e ate mesmo no trabalho de obras públicas etc.

Desde o inicio do século XIX, a Inglaterra esforçou-se para colocar um fim no tráfico de escravos da África. Mas somente na primeira metade do século que Portugal e Inglaterra assinaram tratados e leis, prevendo o fim do trafico de escravos.

Com a participação de advogados surgiu o movimento abolicionista, que lutaram pela liberdade dos escravos e contra os maus tratos e humilhações que os negros sofriam, a Lei Aurea foi fundamental para dá fim a monarquia e escravidão assinada em 13 de maio de 1888, mas a luta dos negros não acabou com o fim da escravidão, eles tiveram que enfrentar o problema do ingresso no mercado de trabalho livre.

Atuam ate hoje na luta pelos direitos dos negros e pela igualdade racial. E assim surgiram várias organizações de caráter cultural e político. Foram aprovadas muitas Leis a favor dos direitos dos negros, e movimento chamado MNU (movimento negro unificado) em 1978 que tinha por objetivo conscientizar a população negra da existência de desigualdades raciais e da necessidade de lutar contra a discriminação e de promover políticas públicas geradoras de melhores oportunidades aos negros nas áreas da educação, saúde, economia e cultura.

Atualmente com tantas leis a favor dos negros, ainda nota-se que o racismo se faz presente na realidade socioeconômica do Brasil. A proporção de negros cresceu de 45,1% para 49,8%, mas os melhores cargos de trabalho, como de médicos, advogados, atores etc. estão representados por brancos, sendo que a população de negros está representando a miséria do país, sendo assim não se pode dizer que a lutar acabou, e nota-se a camuflagem das políticas públicas.

Diante desta realidade, o presente estudo aborda o racismo e a contribuição da Literatura na luta contra o racismo, focando a obra “O Mulato” de Aluísio Azevedo, que narra atrocidade do preconceito no romance, a forma como Azevedo contribuiu para denunciar o problema na época em que agricultura mercantil e a comercialização escravagista tiveram decadência no final do século XIX.

Dessa forma o presente trabalho constitui-se das seguinte partes:

1. Capítulo: contexto histórico da sociedade maranhense;
2. Capítulo: breve histórico da escravidão africana e da brasileira, abordando as campanhas abolicionistas
3. Capítulo: análise da obra O Mulato sob o ponto de vista do racismo, abrangendo a educação, focando outros autores brasileiros que trataram desta temática
4. Capítulo: aborda a questão do racismo na sociedade atual brasileira
5. Capítulo: analisar as consequências do racismo na sociedade brasileira.

A preocupação social é um traço marcante da obra de Azevedo, que buscava ajudar com capacidade de observação e crítica, compreender cientificamente as causas do racismo. Ele mostra oposição ao preconceito racial, que é o fulcro de toda trama, fazendo uma crítica anticlerical e antirracista da sociedade provinciana maranhense.

A relevância deste estudo deve-se ao fato de possibilitar o debate acerca de formas de se praticar o racismo, no Maranhão, desde o final do século XIX e, na atualidade, a viabilidade do diálogo entre a história e a literatura, no processo de produção de saberes. Espera-se contribuir com a análise sobre o tema racismo.

2. O MULATO: CONTEXTO HISTÓRICO

2.1 O Mulato e a sociedade maranhense

No final do século XIX, a força da ciência erguia-se, por meio da qual o mundo seria detalhado para haver uma transformação. As informações e inovações chegavam da Europa e passavam a surtir efeito nos terrenos brasileiros. As ciências Biológicas, psicológicas e sociológicas sistematizavam-se e colocavam em questionamento toda uma cultura impregnada de idealismo e religiosidade cristã.

Assim como os cientistas, os escritores assumem uma nova posição diante da produção literária, ou seja, os escritores naturalistas brasileiros, principalmente Aluísio Azevedo, em vez de se dedicarem ao estudo de grupos humanos que refletiam melhor os problemas sociais do Brasil da época, limitaram-se mais a casos individuais de temperamento patológico.

Aluísio Azevedo, por exemplo, como romancista, estabelecera um plano: traçar um grande painel da sociedade brasileira da sua época, produzir uma.

> "cópia fiel dos fatos políticos e sociais, representados nos personagens que terão fatalmente de desaparecer com o reinado do Sr. D. Pedro II. (...) reunir todos os tipos brasileiros, bons e maus, do seu tempo e compendiar, em forma de romance, todos os fatos de nossa vida pública, que jamais serão apresentados pela História".(O Mulato, 2000 p. 20)

A publicação do romance O Mulato, de Aluísio Azevedo, em 1881, marca oficialmente o início do Naturalismo no Brasil. Embora essa não seja a obra mais representativa do movimento neste país, causa impressão e represália ao autor, tanto na parte da igreja, como da parte da alta sociedade de São Luís do Maranhão, pelos termos que abordava: o anticlericalismo, o racismo, a pressão do meio sobre as pessoas e o puritanismo sexual. O Naturalismo introduz na literatura todos os assuntos ligados ao homem dá voz às camadas menos privilegiados da sociedade.

Em São Luís do Maranhão, na época do lançamento de O Mulato, a sociedade caracterizava-se por uma situação econômica instável, apesar da iminência de uma fase de dificuldades financeiras. O produto de maior destaque era o açúcar, que desde 1846 destacava-se como o principal negócio de exportação. A trama, a linguagem, a precisão dos quadros sociais apresentados, transparecem a época e o cenário da sociedade ludovicense, como se pode perceber neste trecho, logo início da obra:

> Era um dia abafadiço e aborrecido. A pobre cidade de São Luís do Maranhão parecia entorpecida pelo calor. Quase que se não podia sair à rua: as pedras escaldavam; as vidraças e os lampiões faiscavam ao sol como enormes diamantes; as paredes tinham reverberações de prata polida; as folhas das árvores nem se mexiam; as carroças d'água passavam ruidosamente a todo o instante, abalando os prédios; e os aguadeiros, em mangas de camisa e

> pernas arregaçadas, invadiam sem cerimônia as casa para encher as banheiras e os potes. Em certos pontos não se encontrava viva alma na rua; tudo estava concentrado, adormecido; só os pretos faziam as compras para o jantar ou andavam no ganho.
>
> A Praça da Alegria apresentava um ar fúnebre. De um casebre miserável, de porta e janela, ouviam-se gemer os armadores enferrujados de uma rede e uma voz tísica e aflautada, de mulher, cantar em falsete a “gentil Carolina era bela”; do outro lado da praça, uma preta velha, vergada por imenso tabuleiro de madeira, sujo, seboso, cheio de sangue e coberto por uma nuvem de moscas, apregoava em tom muito arrastado e melancólico: “Fígado, rins e coração!” Era uma vendedeira de fatos de boi. As crianças nuas, com as perninhas tortas pelo costume de cavalgar as ilhargas maternas, as cabeças avermelhadas pelo sol, a pele crestada, os ventrezinhos amarelentos e crescidos, corriam e guinchavam, empinando papagaios de papel. (AZEVEDO, 2000, p. 15)

Perceber-se neste fragmento descritivo naturalista de Aluísio Azevedo, evocados numa série de painéis amplos, por meio dos quais se deixa transparecer a sociedade maranhense e, com ela, todas as regalias pertinentes à “boa sociedade”, das quais a burguesia desfrutava. Neste contexto, uma pequena parcela da população gozava dos poderes politico, e econômico.

Geograficamente, São Luís caracterizava-se como uma pequena cidade, limitada pelos braços dos rios Anil e Bacanga, quase restrita ao coração comercial e residencial da Praia Grande, cercada de ladeiras por todos os lados, conforme a Azevedo descreve as principais ruas, em O Mulato:

> A Praia Grande e a Rua da Estrela contrastavam, todavia com resto da cidade, porque era àquela hora justamente a de maior movimento comercial. Em todas as direções cruzavam-se homens esbofados e rubros; cruzavam-se os negros no carreto e os caixeiros que estavam sem serviço na rua; avultavam os paletós-sacos, de brim pardo, mosqueados nas espáduas e nos sovacos por grandes manchas de suor. Os corretores de escravos examinavam, à plena luz do sol, os negros e moleques que ali estavam para ser vendidos; revistavam-lhes os dentes, os pés e as virilhas; faziam-lhes perguntas sobre perguntas, batiam-lhes com a biqueira do chapéu nos ombros e nas

> coxas, experimentando-lhes a vigor da musculatura, como se estivessem a comprar cavalos. (AZEVEDO, 2000, p. 15-16)

O clero despenhava papel importante em vários seguimentos da sociedade Maranhense, principalmente, na educação. Defendia ainda os interesses econômicos da elite, dos proprietários fundiários, e se esquecia das más condições a que os escravos eram submetidos. O trecho a seguir evidencia a crueldade da sociedade escravocrata, em que os negros escravos daquela época viviam, denuncia a brutalidade e a desumanidade, como explica Montenegro (1989, p.3)

> No regime escravista, o homem, a mulher ou o povo transformado em escravo não é considerado mais um ser humano. O proprietário do escravo, ou senhor, tem todos os direitos sobre ele – trocar, vender, obrigar a trabalhar todos os dias sem parar e, até matar.

Essa brutalidade ainda é evidenciada por Azevedo, na passagem em que a escrava descreve a crueldade de dona Quitéria para Domingas, por desconfiar do envolvimento dela com o marido.

> Estendida por terra, com os pés no tronco, cabeça raspada e mãos amarradas para trás, permanecia Domingas, completamente nua e com as partes genitais queimadas a ferro em brasa. Ao lado, o filhinho de três anos, gritava como um possesso, tentando abraça-la, e, de cada vez que ele se aproximava da mãe, dois negros, à ordem de Quitéria, desviavam o relho das costas da escrava para dardejá-lo contra a criança. A megera, de pé, horrível, bêbeda de cólera. Domingas, quase morta, gemia, estorcendo-se no chão. O desarranjo de suas palavras e dos seus gestos denunciava já sintomas de loucura.

O trecho citado acima caracteriza o espírito abolicionista convicto do autor, pois para ele a movimentação do sistema escravocrata e a influência do clero sobre a população significavam duas principais causas da decadência social e da degradação dos costumes da sociedade Maranhense. Esse episódio da tortura de Domingas demonstra bem o tipo de relação que existia entre brancos e negros na segunda metade do século XIX, marcada pelos efeitos da escravidão, como o preconceito racial, da intolerância extrema por conta da cor da pele.

2.3 Análise da questão racial sob o enfoque de O Mulato

A obra O Mulato foi inspirado na sociedade Maranhense nos anos 1880, período sócio-histórico marcado pela escravidão, influência do clero nas divisões política e pelo racismo. Por conta disso, causaram escândalo e revolta na sociedade da época.

O pano de fundo do romance surge com a volta de Raimundo a São Luís, que era filho de um traficante de escravos, o português José da Silva e de Domingas, sua escrava. A posição social e a cor de Raimundo provocaram resistência nas convenções sociais. Por esse motivo, o preconceito evidenciava-se ainda mais na consciência das pessoas, impedindo-o de conviver em pé de igualdade com o próximo. Essa visão fica bastante elucidada na passagem em que Raimundo era estigmatizado devido a sua cor e a sua origem social, segundo o texto descreve:

> Fazia um grande calor. O céu, todo limpo, com as suas nuvens arredondadas, parecia um vasto tapete azul, onde dormiam enormes cães felpudos e preguiçosos. Raimundo lembrou-se de sair; faltou-lhe o ânimo: afigurava-se-lhe que na rua todos o apontariam, dizendo “Lá vai o filho da escrava! Ia abrir a janela e hesitou; sentia um grande tédio, um mal-estar crescente, desde a revelação de Manuel; uma

> surda indisposição contra tudo e contra todos; naquele momento, irritava-o, por exemplo, a voz aflautada de um quitandeiro, que argumentava, lá embaixo na rua, com um súcio. Abriu o álbum com a intenção de desenhar, mas repeliu-o logo; tomou um livro e leu distraidamente algumas linhas; levantou-se, acendeu um cigarro e passeios a largos passos pelo quarto, com as mãos nas algibeiras.
>
> Em um destes passeios, parou defronte do espelho e mirou-se, com muita atenção; procurando descobrir no seu rosto descorado alguma coisa, algum sinal, que denunciasse a raça negra. Observou-se bem, afastando o cabelo das fontes; esticando a pele das faces, examinando as ventas e revistando os dentes; acabou por atirar com o espelho sobre a cômoda, possuído de um tédio imenso e sem fundo.(AZEVEDO, p.172)

Aluísio questionava através desta obra, os fundamentos ideológicos da sociedade em que vivia. A trama do romance vai além do anticlericalismo, pois o autor propõe outro sistema de valores. Nesta perspectiva, o personagem Raimundo corresponde a um indivíduo julgado por um fator genético de pouca importância, ou seja, por conta da cor da pele. A sociedade preconceituosa daquele contexto não concebia o negro como pessoa portadora de qualidades interiores, caráter e intelectualidade.

A trama trata de um problema que cansava inquietação entre os defensores e os opositores da abolição da escravatura. Os abolicionistas desenvolviam em todo o Brasil, com destinos vários uma campanha a cada dia mais intensiva.

> Em todas as províncias lutava-se a favor da abolição, exceto em duas: Bahia e Maranhão. Essa última era a mais escravista de todas, e a oposição ou a indiferença do clero criava obstáculos ainda maiores à causa.
>
> Nessa situação, o romance de Aluísio Azevedo causou escândalo entre a sociedade maranhense, não só pela crua linguagem naturalista, mas sobretudo pelo assunto de que tratava: o preconceito racial. Aluísio Azevedo foi acusado de tomar partido do homem de cor contra o branco. Raimundo, o personagem mulato da obra, é a figura acabada de um aristocrata: culto, refinado, advogado formado na

> Europa, de pele clara e, ainda por cima, com “grandes olhos azuis, que puxara do pai”(AZEVEDO, p. 8,)

Num ambiente de tensões e de antagonismo de ideias foi lançado o romance de Aluísio Azevedo, marcado pela luta entre a causa abolicionista e a luta anticlerical. Uma questão relevante apresentada pelo autor refere-se ao determinismo de cunho racial. Por meio de Raimundo, os determinismos pesaram sobre o destino da vida do mulato, pois a condição do escravo transparece, sobretudo, nos castigos que sofre da sociedade que o hostiliza.

3. BREVE HISTÓRICO DA ESCRAVIDÃOAFRICANA

3.1 Origem da escravidão na África

No continente africano a escravidão era praticada antes da chegada dos portugueses, pelos os reis da região, os escravos eram usados como produtos de comercialização, para pagar tributos, compor exércitos, em trabalhos na agricultura e na criação de animais. Os escravos eram obtidos por meio de sequestros e ataques às aldeias próximas. Conforme Mattos (2007, p. 29) explica:

> Em Canem, o escravo era um dos produtos comercializados nessa região vendido, sobretudo no norte da África, como concubina, eunuco, criado ou soldado.
>
> Os escravos também eram utilizados no próprio reino de Canem, para pagar tributos, compor exércitos, em trabalhos na agricultura e na criação de animais. Eram obtidos por meio de sequestros e ataques às aldeias próximas.

Na região de Bornu, os escravos eram trocados por cavalos, vindos da África do norte. Cada cavalo valia em torno de 15 a 20 escravos. Os reis do Sudaneses no século X-XIV, XIV-XIX com os reis de Canem e Bornu, com os povos zagauas, sefauascanúri (canembus + saôs) os principais produtos comercializados eram escravos nessa época. Nota-se que os cavalos valiam mais que os escravos, o ser humano valia menos que um animal. Ainda sobre essa realidade, Mattos (2007, p. 30) acrescenta:

> Nessa época, Bornu comercializava escravos em troca de cavalos, vindos da África do norte. Para tanto, precisava obtê-los em guerras travadas contra povos vizinhos. Cada cavalo valia em torno de 15 e 20 escravos. A utilização da cavalaria nas guerras promoveu o aumento do número de escravos. Por um lado, porque os escravos eram utilizados como moeda de troca pelos cavalos e, por outro, porque com os cavalos era mais fácil capturar escravos.

Antes do estabelecimento do comércio europeu, na bacia do Atlântico Sul e no oceano Índico, entre os séculos XV e XVI, a escravidão ocupava um espaço importante nas sociedades da África Subsaariana. Os escravos eram utilizados no interior das sociedades, nas funções de criados, soldados e concubinas, mas também eram vendidos no comércio realizado com o Saara, o Egito e o Índico.

Os Índios, os primeiros habitantes da América do Sul foram vistos como mão-de-obra escrava pelos portugueses na formação do Brasil colonial, mas os nativos desse continente não se deixaram dominar, e logo foram substituídos pelo escravo africano que se tornou o principal construtor dessa empresa colonial.

> Os europeus de início, o habitante nativo, ou seja, o índio foi escolhido para tal fim, mas logo foi substituído pelo escravo africano, tornando-se um dos braços dessa empresa colonial. É com base na utilização da sua força de trabalho que se alcançaria o objetivo da colonização, isto é, gerar lucros para a metrópole. Mattos(2007, p.64)

Os portugueses iniciaram suas atividades comercias nos golfos do Benin e de Biafra, em especial a compra de escravos, que eram trocados por ouro na Costa da Mina, desde a segunda metade do século XV.

Os que eram trazidos para o interior passavam antes por vários mercados e férias até chegarem à Costa, onde os aguardavam os portugueses. Os Jalofos ofereciam escravos aos portugueses em troca de cavalos, aljarabias, ferros, alambéis.

3.2 A escravidão no Brasil

Com a produção do açúcar nos engenhos nordestinos no século XVI, teve inicio a escravidão no Brasil. No século XVII o comércio de escravo na África se expandiu em grande quantidade por conta da procura de mão-de-obra escrava pelos portugueses. Na América, as propriedades agrícolas se expandiram e a obtenção de escravo cresceu, e a estrutura da escravidão na África mudou. Antes que era uma economia de dependência pessoal tornou-se principal mercadoria do comércio internacional. No Maranhão, essa realidade caracterizava-se pelos seguintes aspectos:

> Os primeiros africanos trazidos para o Brasil e para o Maranhão eram de origem banto*, das regiões de Angola e do Congo. Posteriormente, os traficantes passaram a trazer escravos de origem sudenesa*, do golfo da Guiné.
>
> Portanto, os negros que foram trazidos para o Brasil eram de diferentes regiões da África e tinham origem, língua, costumes e religião diferentes.
>
> Ao chegarem ao Brasil, eram obrigados a se adaptar aos costumes de seus donos, os portugueses. A religião é um bom exemplo. Os portugueses impunham a religião católica aos indígenas e negros escravizados. Os nagôs (de origem sudanesa), por exemplo, para continuar cultuando suas divindades (os orixás), relacionavam-nas

> aos santos católicos. Assim, por exemplo, São Jorge é Oxóssi, Santo-Antônio é Ogum, Iansã é Santa Bárbara e assim por diante.

Depois da longa e sofrida travessia do Atlântico, passando péssimas condições das embarcações com os porões superlotados, apertados para dormir no chão duro, acorrentados e no momento do embarque ou ainda nos barracões, tinham o corpo marcados a ferro quente com as iniciais ou símbolos dos proprietários. Assim trazidos os africanos para a construção do Brasil, como mão-de-obra escrava nos engenhos de cana de açúcar, nos cafezais, na extração de ouro, e até mesmo no trabalho de obras públicas etc.

> Apesar de, no início do século XIX, as condições das embarcações terem melhorado um pouco, comparando-se com os séculos anteriores, pois passaram a contar com a presença de ao menos um cirurgião-barbeiro, de capelães, de uma botica, além da separação entre homens e mulheres, as viagens continuavam sendo muito penosas, com porões superlotados de africanos, que se apertavam para conseguir dormir durante meses sobre o chão duro. Eles passavam quase todo o tempo, acorrentados e, no momento do embarque, ou ainda nos barracões, costumavam ter o corpo marcado a ferro quente com as iniciais ou símbolos dos proprietários. Mattos (2007, p. 100)

Desde o inicio do século XIX, a Inglaterra esforçou-se para colocar um fim no tráfico de escravos da África. Mas somente na primeira metade do século IX Portugal e Inglaterra assinaram tratados e leis, prevendo o fim do trafico de escravos.

Muitas leis vieram a favor dos escravos, em 1871 aconteceu a Lei do Ventre Livre que declarou livres os filhos de escravos nascidos a partir desta data. Em 1885 a Lei dos sexagenários (lei saraiva Cotegipe). Porém essa última, serviu mais para os donos de escravos ficarem livres de cuidar dos

negros velhos. Em 13 de maio de 1888 finalmente chegou a Lei Aurea que deu fim a monarquia e a escravidão no Brasil.

> A abolição, no entanto, resolveu um problema e criou vários outros, pois não deu condições aos negros de se integrarem no mercado de trabalho do país. Vítimas de preconceito, muitos ficaram sem lugar para morar, sem trabalho ou sujeitando-se a trabalhar por péssimos salários. Não tinham direito à educação e à saúde. Nas cidades, moravam em cortiços e, no interior, ocupavam pequenos pedaços de terra, onde cultivavam roças de subsistência, de onde podiam ser expulsos a qualquer momento. (Citação do livro Maranhão 2001 p. 78)

3.3 Campanha abolicionista e a abolição da escravatura

Depois da Lei Áurea, vários movimentos se inscreveram no contexto nacional brasileiro, marcados por Várias concepções, principalmente pelos ideais abolicionistas que objetivavam a inclusão total dos negros na sociedade. Mattos (2007, p. 148) ainda completa:

> A atuação do movimento abolicionista, especialmente em São Paulo, contou com a participação de advogados, que, com base nas leis de 1831 (proibição do tráfico de escravos africanos) e de 1871(permissão da compra da carta de alforria com a apresentação de pecúlio pelo escravo que comprovasse ser submetido à violência) defendiam gratuitamente os cativos em processos de liberdade.

Após a abolição da escravidão, os negros africanos e seus descendentes tiveram de enfrentar o problema do ingresso no mercado de trabalho livre. Nessa mesma época, o governo republicano (representante dos interesses dos grandes cafeicultores) promoveu uma campanha de branqueamento da população, visando à europeização do Brasil e a eliminação da herança biológica e cultural africana.

Italianos, portugueses, espanhóis e alemães foram chegando em grandes levas e encaminhados para trabalhar tanto nas áreas rurais, quanto urbanas do Brasil, mas principalmente como colonos nas regiões mais prósperas, isto é, nas fazendas do centro-oeste de São Paulo. Aos negros sobraram as tarefas menos qualificadas e mais penosas e, em geral, sem qualquer tipo de contrato firmado, sendo, portanto, empregados e pagos por cada serviço prestado.

Em 1978, o então chamado Movimento Negro Unificado (MNU) promoveu uma manifestação, nas escadarias do Teatro Municipal de São Paulo, contra o assassinato do trabalhador Robson Silveira da Luz e a proibição dos negros frequentarem o clube de Regatas Tiete. Várias outras manifestações foram realizadas na Bahia, em Minas Gerais e no Rio de Janeiro. O MNU tinha por objetivo conscientizar a população negra da existência de desigualdades raciais e da necessidade de lutar contra a discriminação e de promover políticas públicas geradores de melhores oportunidades aos negros nas áreas da educação, saúde, economia e cultura.

A partir desse momento, surgiram várias organizações de caráter não apenas cultural, mas político, que atuam até hoje na luta pelos direitos dos negros e pela igualdade racial. Como resultados dessa batalha pode-se citar a Lei n. 4.370, de 1998, que prevê cotas para artistas negros na publicidade, e a de n. 10. 639, de 2003, que tornou obrigatório o ensino de História da África e cultura afro-brasileira nas escolas. Além de as universidades públicas do Rio de Janeiro, em 2001, terem aprovado cotas para afrodescentes.

Atualmente com tantas leis a favor dos negros, ainda nota-se que o racismo se faz presente na realidade socioeconômica do Brasil. A proporção de negros cresceu de 45,1% para 49,8%, mas os melhores cargos de trabalho, como de médicos, advogados, atores etc. estão representados por brancos, sendo que a população de negros está representando a miséria do país, sendo assim não se pode dizer que a luta acabou, e nota-se a camuflagem das políticas públicas.

Em Chapadinha, a realidade não é diferente, pode-se notar a desigualdade racial nas empresas e no comércio. As oportunidades de emprego para os afrodescendentes são mínimas, acredita-se que na hora da contração do funcionário a cor forte seja um título a menos, e que o racismo esteja escondido no coração de muitas pessoas.

4. LITERATURA BRASILEIRA E RACISMO

A literatura também deu sua contribuição contra o racismo no século XIX, com a publicação de grandes obras, romance e poesias, dentre esses autores estão Aluísio Azevedo, Bernardo Guimarães e Castro Alves conhecido como poeta dos escravos, essas obras denunciavam as atrocidades e sofrimento dos escravos, e focando O Mulato de Aluísio Azevedo como tema principal contra o racismo, analisando a obra que de início ao naturalismo no Brasil, mesmo período que aconteceu o fim da escravidão e da monarquia. Os naturalistas e realistas ao contrário dos romancistas, denunciava os problemas sociais de forma científica e objetiva caracterizando os personagens de acordo com suas genéticas (tipo de sangue, cor e raça etc.).

Assim os autores expressavam seus pensamentos em relação a escravidão, a forma como os Barões de fazendas tratavam seus escravos, eram narradas em suas obras, Guimarães(1994, p. 93-94)descreve:

> -- Miserável e estúpida papelada que são essas vossas leis. Para ilaquear a boa-fé, proteger a fraude, iludir a ignorância, defraudar o pobre e favorecer a usura e rapacidade dos ricos, são elas fecundas em recursos e estratagemas de toda a espécie. Mas, quando se tem em vista um fim humanitário, quando se trata de proteger a inocência desvalia contra a prepotência, de amparar o infortúnio contra uma injusta perseguição, então, ou são mudas ou são cruéis.
>
> A escravidão em si mesma já é uma indignidade, uma úlcera hedionda na face da nação que a tolera e protege. Por minha parte, nenhum motivo enxerga para levar a esse ponto o respeito por um abuso que nos desonra aos olhos do mundo civilizado. Seja eu embora o primeiro a dar esse nobre exemplo, que talvez será imitado.
>
> Sirva ele ao menos de um protesto enérgico e solene contra uma bárbara e vergonhosa instituição.

Além de Bernardo Guimarães, outros autores brasileiros também deram sua parcela de contribuição a literatura brasileira, tratando de assuntos relacionados a escravatura. Assim como a descrição feita acima pelo o autor referido, a situação do negro era relatada também em verso, como no poema Saudação a Palmares, de Castro Alves.

> Nos altos cerros erguido
>
> Ninho d'águias atrevido,
>
> Salve! – País do bandido!
>
> Salve! – Pátria do jaguar!
>
> Verde serra onde os palmares
>
> -- Como indianos cocares –
>
> No azul dos colúmbios ares
>
> Desfraldam-se em mole arfar!...
>
> Salve! Região dos valentes
>
> Onde os ecos estridentes
>
> Mandam aos plainos trementes

Os gritos do caçador!

E ao longe os latidos soam...

E as trompas da caça atroam...

E os corvos negros revoam

Sobre o campo abrasador!...

Palmares! a ti meu grito!

A ti, barca de granito,

Que no soçobro infinito

Abriste a vela ao trovão.

E provocaste a rajada,

Solta a flâmula agitada

Aos uivos da marujada

Nas ondas da escravidão!

De bravos soberbo estádio,

Das liberdade paládio,

Pegaste o punho do gládio,

E olhaste rindo p’ ra o val:

“Descei de cada horizonte...

Senhores! Eis-me de fronte!”

E riste... o riso de um monte!

E a ironia... de um chacal!...

Cantem Eunucos devassos

Dos reis os marmóreos paços;

E beijem os férreos laços,

Que não ousam sacudir...

Eu canto a beleza tua,

Caçadora seminua!...

Em cuja perna flutua

Ruiva a pele de um tapir.

Crioula! O teu seio escuro

Nunca deste ao beijo impuro!

Luzidio, firme, duro,

Guardaste p’ra um nobre amor.

Negra Diana selvagem,

Que escutas sob a ramagem

As vozes – que traz a aragem

Do teu rijo caçador!...

Salve, Amazona guerreira!

Que nas rochas da clareira,

-- Aos urros da cachoeira –

Sabes bater e lutar...

Salve! – nos cerros erguido –

Ninho, onde em sono atrevido,

Dorme o condor ...e o bandido!...

A liberdade... e o jaguar!

Castro Alves nasceu 14 de março 1847, no interior da Bahia. Em 1863 Castro Alves, A primavera publica os primeiros versos abolicionistas em 17 de maio, “A canção do Africano”. Em 1866 funda uma sociedade abolicionista, com Rui Barbosa, Regueira da Costa, Plínio de Lima e outros colegas da academia. Castro Alves na história da literatura até os dias atuais é considerado o poeta dos escravos, os seus poemas sensibilizavam as pessoas

do sofrimento dos escravos denunciando as atrocidades e as condições desumanas em que eles viviam.

Para o autor, a vida é para ser livre e não escravizada. É para esta realidade que o jovem deve estar consciente, preparado. Nesta terra a escravidão do negro é parte da própria organização social. Um horror. Uma vergonha. O negro é peça que o senhor branco adquire para o trabalho. É como um animal para uso do senhor: o animal e suas crias. Esta é a realidade criminosa para a qual se volta o moço poeta. É preciso que se faça alguma coisa – exclama – que todos façam alguma coisa para que a escravidão seja banida de nossa terra: Aonde está a terra que talhamos livre? Aonde está o povo que fizemos forte?

Castro Alves ainda acrescenta sobre a condição dos escravos:

(“ A visão dos Mortos” – os escravos)

Minha terra é lá bem longe,

Das bandas de onde o sol vem

E a cativa desgraçada

Deita seu filho, calada,

E põe-se triste a beijá-lo,

Talvez temendo que o dono

Não viesse, em meio do sono

De seus braços arrancá-lo!

Todavia, Castro Alves tornou se célebre por sua obra abolicionista, que buscava a derrubada de todos os problemas vividos pelo país, como por exemplo, o trabalho escravo. Poesias como “Navio Negreiro”, “Voz d’África”,

“Saudação a Palmares”, consagraram o poeta baiano. Nas palavras do poeta, a luta pelo fim da escravidão no Brasil:

> Não, não seria uma escola literária a ser inaugurada. Antes uma cruzada a ser iniciada. Uma pregação. Compromisso que tomava consegue próprio. E depois, eram imagens e eram vozes que vinham de longe, de muito antes daquele. Bater de tambores e do lamento que ouvira ao entrar no Recife numa noite de lua. Eram as imagens vozes do Recôncavo, as “tesouras” das capoeiras, o bater dos berimbaus de sua Bahia. (Alves, 1971, p. 92).

Focando a obra O Mulato de Aluísio Azevedo, ver-se varias denuncias de atrocidades e preconceito que viviam os negros. Azevedo foi um escritor muito corajoso em denunciar o racismo de forma intolerante na obra O Mulato, em uma época onde o preconceito reinava. O autor retratou também os abusos eclesiásticos do Padre Diogo, um Padre racista e hipócrita, assim como outros personagens baseados em pessoas do seu conhecimento que moravam na cidade de São Luís. Isso foi um dos motivos que levam a obra O Mulato a ser recebida de maneira entusiástica pela crítica literária da corte e nas províncias e renegada no Maranhão.

Nota-se na obra as humilhações, os maus tratos que os negros sofriam pelos descendentes de portugueses, o racismo era constante, mesmo com o fim da escravidão o preconceito destruía a dignidade do afrodescendente, o desrespeito era explícito.

(AZEVEDO, 2001).O preconceito é um dos aspectos da realidade brasileira que Aluísio Azevedo (1857- 1913) analisou em seus romances naturalistas. A preocupação social é um traço marcante de sua obra, que buscava, com aguda capacidade de observação e crítica, compreender cientificamente as causas de nossos problemas.

4.1 O Mulato e o racismo

O Mulato é um romance naturalista, publicado 1881. Um romance do século passado, entre Ana Rosa e Raimundo. Mas pesa sobre os dois, o preconceito racial de uma sociedade hipócrita, que não vacila nem diante do crime para proteger suas instituições. Aluísio Azevedo foi um escritor muito corajoso em denuncia o racismo nesse romance naturalista em uma época onde o racismo reinava.

O Mulato foi o segundo livro de Aluísio Azevedo, considerado o marco da corrente naturalista no Brasil, produzido sob a inspiração de Émile Zola. Esta obra causa grande escândalo na sociedade maranhense, mas rende-lhe dinheiro suficiente para ir para a Corte.

Poucas vezes o autor brasileiro conseguiu captar com tamanha fidelidade, como o fez Aluísio Azevedo neste romance, a realidade social de um meio provinciano característico – a cidade de São Luís, no Maranhão, por volta de 1870.

O Mulato foi escrito e sentido aos vinte anos de idade do escrito Aluísio Azevedo, quando ele estava no Maranhão, ao lado de sua família. Representa O Mulato, nesse particular, uma denúncia. O autor teve a coragem de expor a nu as mazelas de um meio pouco sensível às transformações que começavam a esbrasear os maiores centros do Sul do Brasil.

Na São Luís de então, tal como sucedia, de resto, em outros núcleos provincianos mais ricos e mais prósperos, ainda não havia, porém, condições realmente favoráveis à livre iniciativa, conforme ocorreria pouco depois. O comércio e a agricultura, por exemplo, seguiam passivamente a rotina implantada pelo colonizador português. Enquanto isso, o braço escravo, sua principal fonte de energia, ia deixando atrás de si uma população marginalizada, composta de mestiços cuja assimilação tanto era dificultada pelos preconceitos de cor como pelo baixo estágio econômico em que viviam, sob a indiferença dos maiores beneficiários do trabalho escravo – a burguesia urbana e os grandes proprietários rurais.

> Maria Bárbara tinha o verdadeiro tipo das velhas maranhenses criadas na fazenda. Tratara; eia de muito dos avós, quase todos português; muito orgulhosa; muito cheia de escrúpulos de sangue. Quando falava nos pretos, dizia “ Os sujos” e , quando se referia a um mulato, dizia “ O cabra”. Sempre fora assim e, como devota, não havia outra: Em Alcântara tivera uma capela de Santa Barbara e obrigava sua escravatura a rezar aí todas as noites, em coro, de braços abertos, às vezes algemados. Lembrava-se com grandes suspiros do marido “ do seu João Hipólito” um português fino de olhos azuis e cabelos loiros.(AZEVEDO, 2001, p.18).

4.2A importância da obra O Mulato na educação

A obra O Mulato expõe o absurdo, as humilhações e as condições subumanas em que viviam os escravos. Aluísio Azevedo configurou-se como um escritor vanguardista ao denunciar tais mazelas pelas quais passavam os negros daquela época. Para o autor, a escravidão era uma instituição instaurada pelos brancos e, eram eles deveriam soluciona-la.

Atualmente, o racismo continua fazendo parte da vida das pessoas através de diferentes formas, por exemplo, pela camuflagem das politicas públicas ou nas atitudes discriminatória de muita gente. Apesar de tanto tempo depois da abolição da escravidão, o Brasil ainda sofre com o racismo.

Acredita-se que este fenômeno também abrange o ambiente educacional, ou melhor, o ambiente escolar desde os conteúdos relacionados aos negros nos livros didáticos, onde estes, comumente, estão representados na visão de uma produção de material educacional eurocentrada.

O racismo na escola caracteriza-se também entre alunos nas brincadeiras, por exemplo, atitude que culmina muitas vezes em desentendimento, provocado um ato de ignorância, inconsequente e discriminatório. Sobre esta questão o educador pode atuar de forma significativa para despertar nos alunos o respeito as diferenças. A obra O

Mulato pode ser utilizada como relevante instrumento para reverter desde cedo. Acredita-se que a escola seja o local ideal para preparar os alunos para uma sociedade mais justa, diferente daquela que o personagem principal da história vivenciava naquela época, como expressa o trecho da obra abaixo:

> Raimundo envergou o uniforme da casa, recebeu um número, e frequentou as Aulas. A princípio, logo que o deixaram sozinho, punha-se a chorar. Tinha muito medo do escuro; á noite cosia-se contra a parede, abraçado aos travesseiros. Não gostava dos outros meninos, porque lhe chamavam Macaquinho. Era teimoso, cheio de caprichos, ressentia-se muito da má educação que os portugueses trouxeram.

O racismo se caracteriza pela falta de consciência e de educação. Atualmente, no Brasil, existem leis que punem atos de discriminação. Pode-se notar um grande avanço em relação à ruptura desse mal que está ainda presente em muitas situações no cotidiano das pessoas. Conforme os documentos do Movimento Nacional Unificado (MNU) são muitas as contribuições dessa organização à luta do povo negro, entre elas:

> - Desmascaramento do mito da “democracia racial” no Brasil.
>
> - Criação do 20 de novembro – Dia Nacional da Consciência Negra.
>
> - Contribuição para recuperação e fortalecimento da auto estima do povo negro.
>
> - Influência no surgimento de várias organizações negras do Brasil.
>
> - Iniciou a discussão a cerca de necessidade de se construir um projeto político do ponto de vista o povo negro.
>
> - Participação na organização do I Seminário Nacional de universitários Negros – SENUN.

> - Contribuição na libertação do líder negro Nelson Mandela na África do Sul e adiamento da execução na cadeira elétrica do líder negro Mumia Abu Jamal, nos Estados Unidos.
>
> (http://movimentonegrounificadors.blogspot.com/2009/09/as-contribuicoes-do-mnu-luta-do-povo.html)

Além desses avanços foram criadas leis especificas para combater o preconceito racial em todas as instancias da sociedade brasileira:

> A Lei 10639 foi promulgada pelo Congresso Nacional em nove de janeiro de 2003, contudo as atividades do projeto iniciaram-se no ano de 2008. A dada Lei é fruto de lutas históricas do Movimento Negro no Brasil que há tempos combate contra o preconceito racial muito existente na sociedade brasileira. Algumas das lutas deste movimento são contempladas pela Lei sendo que reposicionar o negro no mundo da educação é um de seus objetivos principais.

No entanto, a institucionalidade do racismo ainda implica em práticas discriminatórias manifestadas pelo grande numero de pessoas negras condicionadas a trabalhos mal remunerados, na presença de negros nos livros de didáticos de forma equivocada e estereotipadas, nas escolas, na mídia etc. assim, a educação escolar pode se inserir como um instrumento eficaz na luta para subverter esse mal tão presente ainda na mente das pessoas.

5 O RACISMO NA ATUALIDADE BRASILEIRA

A sociedade brasileira construiu ao logo do processo histórico, apesar da evidência concreta de todo racismo e desigualdade racial, um

discurso ideológico que confere a harmonia entre negros e brancos. Entretanto esse mito da democracia racial pode ser desvelado pelas inúmeras situações vivenciadas no cotidiano.

Na verdade o mito da democracia racial tem a intenção de perpetuar preconceitos e discriminações com relações ao negro, negando o racismo no Brasil, mas ao mesmo tempo, reforçando a discriminação e as desigualdades raciais. Por exemplo, em relação à participação de artistas negros em programas e peças publicitárias ainda é bastante discreta. Entretanto, a partir de 1998 foram tomadas algumas iniciativas em relação a essa situação, com o projeto de lei que entre tantas vantagens afirmava:

> De acordo com o projeto, os filmes e programas veiculados pelas emissoras de televisão deverão apresentar imagens de pessoas afrodescendentes em proporção não inferior a 25% do número total de atores e figurantes. Enquanto que as peças publicitárias, destinadas à veiculação nas emissoras de televisão e em salas cinematográficas, deverão apresenta-las em proporção não inferior a 40%. Paim Paulo 2002(dep.paulopaim@camara.gov.br)

Além disso, o texto cogitava que:

> Se 48% dos brasileiros são negros, quase metade dos artistas, figurantes, repórteres, apresentadores e locutores seriam afrodescendentes. A propaganda, que poderia estar contribuindo para a superação dos preconceitos e facilitando, pela crítica dos estereótipos, a integração dos afrobrasileiros, só tem contribuído para reforçar sua exclusão.
>
> O trabalho de resgate da auto-estima do afrodescendente é fundamental para que ele assuma sua negritude por inteiro e passe a interagir como alguém que é tão capaz, tão bonito, tão inteligente, tão politizado, tão consciente como qualquer outro. Queremos que o negro entenda que as cotas não visam dar privilégios, mas retirar privilégios.

No Brasil atual, não se pode negar que negros e brancos são vistos e tratados de formas diferentes. Nesse contexto, pode se compreender que as diferenças são na realidade construções sociais, politicas e culturais construídas nas relações sociais e do poder ao logo do processo histórico.

Vive-se em um país com uma estrutura racista em que a cor da pele de uma pessoa e um fator preponderante para o seu destino sócio econômico do que seu caráter, sua historia e sua trajetória. Isso significa que a historia da escravidão ainda afeta negativamente a vida e a ascensão social dos descendentes de africanos no Brasil.

Acrescenta se a isso, o fato de que após abolição, a sociedade brasileira não se posicionou nos seus mais variados setores de forma consistente e contrária ao racismo. Dai o fato de ainda serem perpetuadas opiniões equivocadas a respeito do potencial do negro.

5.1Análise das consequências do racismo na sociedade brasileira

Ao analisar a obra O Mulato, enfocando a questão do racismo, percebe-sea contribuição da literatura para a necessidade de conscientização sobre este problema. A obra O Mulato, de Aluísio Azevedo é importante para retratarmos o racismo, a forma como os negros eram tratados naquele período, quando tambémaconteceu o fim da escravidão e da monarquia no Brasil.

Atualmente o racismo mudou, mas de alguma forma ainda se faz presente e acrescenta o desrespeito pessoal. Segundo a Constituição Brasileira, qualquer pessoa que se sentir discriminada de qualquer forma pode recorrer a um Processo Judicial, criminando quem cometeu o preconceito.

Mas a verdade é que ninguém encara isso seriamente. As consequências do racismo na sociedade brasileira estão presentes nos mais variados ambientes de convivência humana. O preconceito está implícito todos os dias nas universidades mesmo com as cotas para negro, no mercado de trabalho, nas telenovelas, nos cinemas, nos desfiles das passarelas etc., a presença do negro é rara.

Não se pode afirmar que o racismo não existe no Brasil, pois a proporção de negros, segundo dados estatísticos, cresceu de 45,1% para 49,8%, e a maior presença do negro está representando a miséria do país, portanto é hipocrisia dizer que não existe racismo no Brasil:

> Segundo o estudo Retrato das Desigualdades de Gênero e Raça, divulgado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), houve um aumento percentual de negros na população e a de brancos caiu. A proporção de negros cresceu de 45,1% para 49,8%, enquanto a de brancos caiu de 54,2% para 49,4%.HENRIQUES, (www.ipea.gov.br, 2002)

Entretanto, o racismo ainda permanece claro em algumas situações, visto que a arma a ser utilizada no combate a essa prática inclui a denúncia e o debate frequentes sobre as manifestações racistas, visando a construção de uma sociedade em que todos convivam harmonicamente.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização deste trabalho possibilitou algumas significações a respeito do tema racismo sob enfoque da obra O Mulato, que o autor demonstrou possuir um conhecimento significativo das relações sociais científicas daquela época.

Entretanto, no seu romance, coloca-se desfavorável ao colonialismo

português e a favor da abolição da escravidão. Via no seu personagem Raimundo, a solução para as dificuldades e os problemas da “raça negra” no Brasil. O Mulato, espelho do embranquecimento progressivo, representa o homem que conduz o princípio necessário à evolução da sociedade brasileira rumo a uma civilização mais avançada.

Nesta obra o autor defendia uma imagem de paraíso racial manipulada ideologicamente, que recebeu reforço das formas mais variadas e teve grande aceitação pela sociedade brasileira.

Convém ressaltar, que essa obra pode contribuir significativamente no ambiente escolar para combater atitudes de racismo presentes no cotidiano da sala de aula. Cabe ao professor saber utilizá-la adequadamente.

No entanto, os debates sobre a realidade e as construções teóricas e práticas sobre a situação dos negros no Brasil, têm constatado a existência de racismo, na sociedade brasileira, bem como ajudado a superar o mito da democracia racial. Tais posturas, porém, ainda não bastam para levar a sociedade a conceber os males ocasionados pelo racismo ao grupo social discriminado e estão presentes em vários setores da sociedade em que o negro está inserido.

A partir da análise dessa obra, conclui-se que o racismo se constitui em uma prática presente na sociedade desde o momento em que se estabeleceram as relações sociais entre negros e brancos no Brasil, por questões estéticas e físicas, ou seja, pela cor da pele. Deve-se reconhecer que os traços do passado (escravista) permanecem presentes nas relações entre negros e brancos na atualidade.

Por fim, destaca-se a contribuição que este trabalho monográfico representou tanto para os estudos literários como para auxiliar a prática pedagógica e principalmente, auxiliar o combate ao racismo e outras formas de discriminação.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Aluísio. **O mulato**. 2. ed. São Paulo: Ediouro, 2001.

AMARAL, Emília. **Português:** novas palavras: literatura, gramática, redação. [et. al.] – São Paulo: FTD, 2000.

ALVES, Castro Antônio de, 1847-1871 **obra completa introdução geral de Eugênio Gomes**, Rio de Janeiro, Aguilar, 1960.

GUIMARÃES, Bernardo/ **a escrava Isaura,** 1825-1884 São Paulo: ed. Moderna, 1994. – (coleção Travessias)

HENRIQUES, Ricardo.**www.ipea.gov.br, 2002**

LAKATOS, Eva Maria/MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia do trabalho científico:** procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos. 7. Ed. 3. Reimpr. – São Paulo: Altas, 2009.

MATTOS, **Regiane Augusto de. História e cultura afro-brasileira.** São Paulo: Contexto, 2007.

NASCIMENTO, Maria Nadir/ **História do Maranhão.** São Paulo: FTD, 2001.

PAIM, Paulo. **dep.paulopaim@camara.gov.br, 2002**

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico.** 20 ed. Ver. E ampl. São Paulo: Cortez, 1996.

TERRA, Ernani. **Gramática e literatura para o 2º grau. [et. al]** – ed. Scipione – São Paulo.

ZAGURI, Eliane—**Castro Alves, tempo, vida e obra,** Rio de Janeiro, Bruguera, 1971.

http://**movimentonegrounificadors**.blogspot.com/2009/09/as-contribuicoes-do-mnu-luta-do-povo.html.